

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL: FUNDAMENTOS E PROCESSOS

Pe. Jurandir Goulart Soares, SAC*

Resumo: Este artigo procura, a partir de uma pesquisa bibliográfica, principalmente nos textos eclesiais, refletir sobre três pilares para um autêntico serviço de animação vocacional. Esses pilares correspondem a uma correta teologia da vocação, a uma eclesiologia de base e uma pedagogia contextualizada. O texto, no primeiro capítulo, propõe uma nova mentalidade vocacional a partir da experiência de um Deus próximo e amigo. A iniciativa de Deus na vocação não dispensa a participação humana, senão que a exige na qualidade de uma resposta livre. Em Jesus Cristo a pessoa não é chamada a ser fiel a si mesmo e a seus projetos, mas ser fiel ao Pai e ao projeto do Reino de Deus. No segundo capítulo, a reflexão está relacionada com a visão eclesiológica. A qual contempla *as categorias Igreja Povo de Deus, comunhão e participação*. Nessa visão, a Igreja tem a consciência que a animação vocacional é responsabilidade de todos e se dirigir a todas suas categorias eclesiais. No terceiro capítulo, o objetivo é oferecer algumas indicações práticas e, sobretudo, propor um espaço para construir juntos, passo a passo, a partir de uma espiritualidade vocacional, uma pedagogia vocacional contextualizada. Nesse sentido, a animação vocacional é processo e tem por objetivo *despertar; discernir, cultivar e acompanhar* as novas gerações no seu discernimento vocacional.

Palavras-chave: Vocação. Teologia. Eclesiologia. Pedagogia. Processo e Itinerário Vocacional.

VOCATIONAL ANIMATION SERVICE: FUNDAMENTALS AND PROCESSES

Abstract: This article seeks, based on bibliographical research, mainly in ecclesiastical texts, to reflect on three pillars for an authentic vocation animation service. These pillars correspond to a correct theology of vocation, a basic ecclesiology and a contextualized pedagogy. The text, in the first chapter,

* O autor tem Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Palotina – FAPAS (2003-2007). Bacharel em Teologia pela Faculdade Palotina – FAPAS (2007-2010). Mestrado em Educação com especialização em Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica de Moçambique – Campus de Maxixe (2014 – 2018). Atualmente é Reitor do Seminário Maior dos Padres e Irmãos Palotinos em Santa Maria, RS.

proposes a new vocational mentality based on the experience of a God who is close and friendly. God's initiative in vocation does not take away human participation, but requires it as a free response. In Jesus Christ, a person is not called to be faithful to himself and his projects, but to be faithful to the Father and the project of the Kingdom of God. In the second chapter, the reflection is related to the ecclesiological vision, which includes the categories Church, People of God, communion and participation. In this vision, the Church is aware that vocational animation is everyone's responsibility and addresses all its ecclesiastical categories. In the third chapter, the objective is to offer some practical indications and, above all, to propose a space to build together, step by step, based on a vocational spirituality, a contextualized vocational pedagogy. In this sense, vocational animation is a process and aims to awaken; discern, cultivate and accompany new generations in their vocational discernment.

Keywords: Vocation. Theology. Ecclesiology. Pedagogy. Process and Vocational Itinerary.

Considerações iniciais

Inicialmente, vale dizer que a proposta da Igreja nas últimas décadas, no que se refere ao *Evangelho da vocação*, chama a atenção à missão de cuidar do nascimento, do discernimento e do acompanhamento das vocações com mais iniciativas, com reflexões mais atentas, novo vigor, novos métodos, com diligência e compromisso. Além disso, se nos anos que se seguiram ao Vaticano II, por um lado, a Igreja conseguiu muitas conquistas, avanços, alegrias, transformando a animação vocacional num verdadeiro 'laboratório' de ideias e de iniciativas valiosas, por outro lado, reconhece que ainda há muitas sombras que atrapalham a caminhada da animação vocacional.

Com o propósito de expor a linha orientativa da Igreja, em particular a linha adotada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), o texto a seguir apresenta três referenciais para construir uma autêntica cultura

vocacional. Esses referenciais correspondem a uma correta *teologia da vocação*, a uma *eclesiologia de base*, que contempla as categorias *Igreja Povo de Deus, comunhão e participação* e, por fim, uma *pedagogia contextualizada*. Em outras palavras, são referenciais indispensáveis para o crescimento da fé, da experiência de Deus e, ao mesmo tempo, faz com que a perspectiva vocacional seja a alma e o princípio unificador de toda a vida vocacional e missionária da Igreja. Ademais, essas notas poderão servir como orientações em diferentes contextos em que se pretende desenvolver o serviço de animação vocacional.

Em vista disso, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe um itinerário de fé e lugares, bem concretos, em que a proposta vocacional deve se tornar empenho cotidiano de todo animador vocacional. Inclusive, lança o desafio para que toda pessoa chamada seja também alguém que chama e, com isso, desencadear um processo vocacional em toda comunidade. Igualmente, indica quatro passos para o itinerário vocacional: despertar, discernir, cultivar e acompanhar como um processo contínuo e integral, em vista de proporcionar um autêntico discernimento vocacional dentro de um projeto de vida.

1 Referencial teológico das vocações: em cada chamamento, Deus espera a resposta pessoal

Com frequência, encontra-se nos documentos da Igreja referências sobre a íntima relação entre teologia e vocação, ou seja, a vocação existe enquanto uma realidade teológica. Em decorrência de que a vocação é parte essencial e conatural de sua missão, a *Igreja está em estado permanente de vocação*, pois ela é a assembleia dos chamados e, como tal, possui uma fisionomia vocacional, missionária e ministerial (cf. PDV, 34). Em virtude dessa autocompreensão, enquanto existência vocacional, em sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*,

São João Paulo II convoca a todos os membros, sem exceção, ao cuidado pelas vocações: “É necessário e urgente estruturar uma vasta e capilar *pastoral das vocações*, que envolva as paróquias, os centros educativos, as famílias, suscitando uma reflexão mais atenta sobre os valores essenciais da vida” (NMI, 46). Para os Padres Sinodais da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Documento Final, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, afirmam que somente consciente da dimensão vocacional é “que toda a pastoral pode encontrar um princípio unificador (...), porque nesta encontra a sua origem e realização” (JFDV, 139). Com efeito, é urgente que todos, partindo da consciência batismal, se envolvam em criar condições para promover uma verdadeira e adequada cultura vocacional nas comunidades eclesiais, nas famílias e na sociedade. Além disso, é preciso que esses espaços, acima mencionados, sejam ambientes favoráveis ao despertar de todas as vocações, como graça e missão a serviço do Reino de Deus, da Igreja, da ecologia e, sobretudo, dos irmãos em situações de vulnerabilidades que estão nas periferias existenciais, geográficas e sociais.

É um consenso eclesial que, no complexo contexto vocacional, faz-se necessário retomar a mística e a oração em todos os níveis. Inclusive, seja essa oração um empenho generoso de todos os batizados, uma forma de cumprir o pedido persuasivo e exigente de Jesus: “Rezai ao Senhor da messe que envie operários para sua messe” (Lc 10,2). E, ainda, nas palavras dos Bispos do CELAM, seja “sempre e em todos os níveis, o recurso ininterrupto à oração pessoal e comunitária” (DP, 862), para formar a consciência de que todos somos responsáveis pelas vocações. Certamente, onde houver esta consciência profunda de que somos pessoas chamadas por Deus para a missão, o nosso agir será mais concreto, corajoso, animado e constante. Neste sentido, o teólogo José Lisboa M. de Oliveira, no livro *Evangelho da vocação: dimensão vocacional da*

evangelização, propõe “uma nova mentalidade vocacional a partir de uma experiência de um Deus próximo que habita e fala à realidade humana” (Oliveira, 2003, p. 45).

1.1 Vocação: Deus chama como amigo

A proposta dessa referência teológica, não tem o caráter de um estudo exegético, embora apresente alguns elementos explicativos. O que aqui pretende-se evidenciar, à luz das Sagradas Escrituras, é que, em toda vocação, Deus toma a iniciativa e vai ao encontro da pessoa dentro do seu contexto. Além disso, os diversos exemplos de pessoas chamadas que se encontram nos textos servem como inspiração para pensar a vocação cristã, sem prescindir desse corte teológico, enquanto origem e fim da vida humana.

Pode-se iniciar a reflexão bíblica sobre a vocação perguntando: qual o conteúdo do chamamento divino? A resposta a esta pergunta encontra correspondência na autocomunicação de Deus em Jesus Cristo (cf. PDV, 12). Ele chama porque ama, ama porque “Deus é Amor” (1Jo 4,7). Consequentemente, o ser humano vem à vida porque é chamado, amado, pensado e querido pela vontade e bondade do seu Criador. Isto é, Deus quis a existência humana, amou-a ainda antes que existisse, conheceu-a antes de formá-la no seio materno, consagrando-a antes que viesse à luz. Tal experiência encontra-se nos relatos bíblicos das vocações, nomeadamente, o chamado de Abraão (Gn 12,1-2), de Moisés (Ex 33,11), de Isaías (Is 49,1), de Jeremias (Jr 1,5), de Paulo (Gl 1,15) e de tantos outros. Portanto, nesses casos de chamamento, Deus estabelece uma relação de amor e de proximidade com seus vocacionados.

De acordo com esses relatos bíblicos, percebe-se que o chamamento é sempre iniciativa divina, é o próprio Deus que vem em busca da pessoa humana

e chama cada uma pelo seu nome. De fato, o chamamento divino não é uma imposição, mas uma proposta. Deus busca o diálogo com as pessoas humanas e trata-as como amigas. Em cada vocação está implicada a proximidade de Deus à pessoa chamada e, ao mesmo tempo, Ele aguarda uma resposta livre e amorosa do vocacionado. Em seu livro *Nenhum caminho será longo para uma teologia da amizade*, José Tolentino Mendonça fala de uma verdadeira 'amizade espiritual', na qual algumas figuras bíblicas se destacam a ponto de receberem o título de 'amigos de Deus' (2013, p. 110).

De fato, a pedagogia divina para a construção de um itinerário vocacional é, acima de tudo, a comunicação autêntica com a pessoa humana. Igualmente, pode-se afirmar que Deus é proximidade, por isso seu diálogo é amistoso a ponto de conferir segurança à pessoa chamada. Por exemplo, um dos sinais dessa aproximação divina se dá no diálogo da anunciação entre o anjo Gabriel e a jovem Maria. Logo que o anjo Gabriel entrou onde Maria estava, disse-lhe: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!" (Lc 1,26). De acordo com Reinaldo Fabris em *Itinerário vocacional na Bíblia*, "a primeira resposta do anjo ao medo, à turbacão, é o encorajamento: 'não temas, Maria!' (Lc 1,30). É convite à fé. Na linguagem bíblica significa: confia em Deus, 'porque encontre graça junto a ele'. Retoma-se o tema do amor benigno, da iniciativa gratuita e salvadora de Deus" (Fabris, 1999, p. 60). Consequentemente, essas palavras encheram o coração de Maria de confiança de tal forma que lhe predispôs a dar o seu sim com convicção. Com efeito, em cada 'encontro vocacional', vale repetir, Deus toma a iniciativa e, de acordo com a missão recebida, desencadeia o itinerário vocacional correspondente.

Certamente, quando o assunto é vocação, a referência por excelência é Jesus Cristo, pois Ele é o missionário do Eterno Pai para a redenção do mundo. A *Missão de Cristo Redentor*, confiada à Igreja, como sabiamente escreveu São João

Paulo II, “está ainda longe do seu pleno cumprimento” (RM, 1). Caracteriza o marco da missão salvífica de Cristo o seu batismo no Rio Jordão: “Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão” (Mc 1,9). Dessa forma, enquanto era batizado, Cristo ouviu a voz do Pai que confirmou sua eleição e missão. Em seguida, após o retiro no deserto, acrescenta Marcos: “veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15). A partir de então, a missão de Jesus Cristo é, antes de tudo, a revelação da ‘boa notícia’. Por certo, Jesus proclama e difunde a boa nova do Reino por meio de palavras, mas sobretudo, por meio de suas ações (Mt 4,23-25). De acordo com o Texto-Base do 2º Ano Vocacional do Brasil, *Batismo: fonte de todas as vocações*: “suas palavras agem tanto quanto seus atos e seus atos falam tanto quanto suas palavras. De fato, ‘ele, desde o começo, fez e ensinou’ (At 1,1), ‘fez o bem a todos’ (At 10,38)” (BFV, 79).

Dessa forma, o fundamento da vocação humana chega até nós como uma verdade revelada e tem sua origem no Batismo de Jesus, ou seja, é pela revelação de Jesus Cristo que conhecemos o mistério de Deus que nos chama. Conforme os ensinamentos da CNBB, no texto supracitado, “o batismo cristão, e seu efeito salvífico, tem raízes no batismo de Jesus. É esta mesma realidade teológica que se concretiza no dia a dia de cada batizado. Todo aquele que, como Jesus, é submergido nas águas batismais, é também chamado de ‘filho amado’, ungido pelo Espírito e enviado a cumprir atos de justiça” (BFV, 82).

Com efeito, no Batismo fomos inseridos dentro do projeto do Reino de Deus. O projeto do Reino de Deus, reino de vida, paz e justiça inaugurado por Jesus de Nazaré, não foi pensado por Ele em termos solitários e privados, mas em uma rede de relações: acolhimento e gesto de solidariedade, envolvendo em suas escolhas um pequeno grupo de apóstolos e, ao mesmo tempo, uma grande

quantidade de discípulos/as. Por isso, na vocação e através dela, acontece um contato entre Deus e a pessoa chamada. Quer dizer, um contato destinado a não terminar jamais, por ser aberto para o Reino e para os irmãos. Assim nos orienta a Igreja do Brasil: “a observação do ministério de Jesus, desde o seu batismo, abre novos horizontes para a animação vocacional” (BFV, 87). Em outras palavras, nos exorta o Papa Francisco na *‘Christus Vivit’*, “cada jovem, quando se sentir chamado a cumprir uma missão nesta terra, é convidado a reconhecer no seu interior essas mesmas palavras que lhe diz Deus, seu Pai: ‘Te és meu filho amado’” (ChV, 25). Portanto, a vocação cristã tem sua origem no amor do Pai revelado em Jesus Cristo no dia do seu Batismo.

Desse modo, Jesus, o Apóstolo e missionário por excelência do Pai, estabelece uma relação de proximidade e de amor com os discípulos, a ponto de declarar: “Eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer” (Jo 15,15). Inclusive, quando os discípulos de João Batista perguntam sobre sua morada, Jesus convida: “Vinde e vede” (Jo 1,39). Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Esta acolhida leva-os a ser anunciadores da boa nova: “Encontramos o Messias” (Jo 1,41). Este modo de Jesus fazer ‘animação vocacional’, ou seja, chamar pessoalmente os discípulos e discípulas, encontra referências em todos os Evangelhos. Realmente, o Mestre de Nazaré não espera, ele vai lá aonde as pessoas se encontram, chama-as pelo nome e não esquece de imprimir nelas o *espírito missionário*. Semelhante compromisso os Bispos do CELAM assumiram na V Conferência em Aparecida (cf. DAp, 276-278).

1.2 Vocação: resposta livre ao Amor

Depois de apresentar a primeira parte da reflexão sobre o referencial teológico, vocação enquanto *graça e missão*, agora o texto passa a apresentar a segunda parte que é a resposta humana ao chamamento divino. Assim sendo, é imprescindível partir da compreensão cristã sobre o mistério humano revelado no ato da vocação.

Sabiamente, o Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, tem a convicção ao afirmar que “na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação” (GS, 22). Desse modo, a revelação de Cristo é a revelação do Amor de Deus ao mundo. Semelhante afirmação encontra-se no Decreto *Ad Gentes*: “pelo fato de testemunhar a Cristo, a Igreja revela aos homens a verdade de sua condição e de sua vocação integral” (AG, 8). Em outras palavras, reafirma o Catecismo da Igreja Católica, esta vocação tem íntima relação da humanidade com a comunhão divina e consiste em manifestar a imagem de Deus Trindade desde a criação do mundo (CIC, 1878).

Neste sentido, é indispensável apresentar o verdadeiro rosto de Deus, revelado por Jesus de Nazaré, *verdadeiro homem e verdadeiro Deus*. De fato, é o Pai que, com amor prévio, chama o ser humano e o posiciona num diálogo maravilhoso e permanente, convidando-o a partilhar como filho a sua própria vida divina. Do contrário, reconhece São João Paulo II, “com uma visão errada de Deus, o homem nem sequer pode reconhecer a verdade de si mesmo, pelo que a vocação não pode ser reconhecida nem muito menos vivida no seu autêntico valor: pode, quando muito, ser sentida como um peso imposto e insuportável” (PDV, 37).

A Igreja latino-americana, na II Conferência do CELAM, em Medellín, situou no centro de sua atenção o ser humano deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Ela se volta para o homem, consciente de que 'para conhecer Deus é necessário conhecer o homem'. Procurou conhecê-lo à luz da Palavra, que é Cristo. Procurou ser iluminada por esta Palavra para tomar consciência mais profunda do serviço que lhe incumbe prestar neste momento, isto é, o conhecimento de si e de sua vocação (DM, Introdução).

Sem dúvida, para a Igreja, somente em relação com Deus, seu Criador, encontra-se o fundamento da dignidade da pessoa humana, ou seja, cada pessoa, sem exceção, precisa ser respeitada em sua dignidade de filho(a) de Deus (GS, 27). Ora, a dignidade humana vem precisamente por ser imagem e semelhança de Deus, ou seja, de um Deus em que há relação de amor entre as Três Pessoas Divinas e toda sua criação. Por certo, a história de cada vocação cristã, diz São João Paulo II, "é a história de um inefável diálogo entre Deus e o homem, entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que no amor responde a Deus" (PDV, 36).

Em sua obra *Vocação, psicologia e graça*, Alessandro Manenti afirma que "o homem não é feito para se satisfazer e buscar a autorrealização. Embora seja verdade que a satisfação e a realização de si mesmo tenham um lugar na vida humana, não são o seu fim último" (Manenti, 1991, p. 11). Em outras palavras, o chamamento que Jesus Cristo faz não é para o ser humano ser fiel a si mesmo e a seus projetos, mas ser fiel ao Pai, ao projeto do Reino de Deus, vivendo a vida de Cristo e vivendo para aquilo que Cristo viveu e se entregou sem medida, a saber, a salvação do mundo.

Com efeito, em Jesus Cristo há um encontro íntimo entre Deus e o homem, a revelação divina vem como resposta às perguntas fundamentais do homem. Para Luigi Rulla, em *Antropologia da Vocação Cristã*, "de qualquer

forma, a ação divina pressupõe certa disponibilidade por parte do homem. A *Graça constrói sobre a natureza humana e a aperfeiçoa*. Por isso, é importante tentar analisar quais os componentes da motivação humana a que se dirige fundamentalmente o chamado divino” (Rulla, 1987, p. 291). Por conseguinte, na visão de Oliveira, há um ponto de convergência entre aquilo para que Deus chama o homem, a dimensão teológica do chamamento, e aquilo que o homem sente como perguntas fundamentais de sua motivação, a dimensão antropológica na resposta vocacional (Rulla, 1999). Semelhante argumento encontra-se no texto Estudos da CNBB, número 36, o qual confirma que “a vocação cristã ou uma vocação específica não anulam, mas antes ressaltam as dimensões humanas, antropológicas, de toda vocação. Dado que elas, naturalmente, têm origem e fundamento no plano divino da criação” (GPPV, p. 28).

Nesse sentido, a vocação cristã é um chamado à liberdade para se transcender no amor. Ou ainda mais, a vocação cristã é a vocação para a salvação. A liberdade é um elemento fundamental da vocação para a salvação. O amor é o centro dinâmico da motivação cristã. A vocação cristã é um chamado à autotranscendência do amor. No 1º Congresso Vocacional do Brasil (1-5/10/1999), chegou-se à seguinte afirmação: “A vocação é amar. A pessoa humana é um ser no amor e para o amor. Precisa-se recuperar o autêntico sentido de vocação e ministério que às vezes é compreendido numa perspectiva funcionalista. O fundamental da vocação é o *ser pessoa humana e cristã*, forjada por uma autêntica espiritualidade evangélica” (n. 8).

Além do mais, a iniciativa de Deus na vocação não dispensa a participação humana, senão que a exige na qualidade de uma resposta livre ao chamamento de Deus. O diálogo entre Deus e o homem, o encontro de suas duas liberdades é

tarefa que dura toda a vida da pessoa, ou seja, a vocação consiste num processo dinâmico, da mesma forma como é constituída a própria pessoa humana.

2 Referencial eclesiológico das vocações: chamado a ser discípulo missionário

A segunda referência indicada pela Igreja para o Serviço de Animação Vocacional está intimamente relacionada com a experiência e visão eclesiológicas. Uma vez que, a vocação é um dom de Deus que se recebe na comunidade e por meio dela, a própria Igreja, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* se define como “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, 4). Nesse sentido, a Igreja enquanto sacramento de comunhão é chamada a ser em toda parte “o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (LG, 1). Certamente, a Igreja, Povo de Deus, assembleia reunida, tem consciência de ser o lugar onde o apelo de Deus se faz vivo. Nas palavras de São João Paulo II: “Ela própria se configura como mistério de vocação, qual luminoso e vivo reflexo do mistério da Santíssima Trindade” (PDV, 35). A Igreja é o lugar da comunhão da pessoa humana com Deus Uno e Trino.

Com efeito, a comunhão trinitária não é algo abstrato, mas algo concreto e real, visível. Na visão dos Bispos reunidos em Puebla, “revela-nos Cristo que a vida divina é comunhão trinitária. Pai, Filho e Espírito vivem, em perfeita intercomunhão de amor, o mistério supremo da unidade. Daqui procede todo amor e toda comunhão, para a grandeza e dignidade da existência humana” (DP, 212). Consequentemente, na Igreja a comunhão da vida trinitária se reflete na história humana, e o cristão pode responder ao chamado de Deus. Ela se torna

um lugar de mediação e de realização da vocação do ser humano, chamado à comunhão com a Trindade.

Enfim, a Igreja é a expressão do desejo da Trindade de se encontrar com a humanidade. Verdadeiramente, a vocação é uma obra trinitária, por isso a Igreja no Brasil pretende motivar todos os batizados para que se reconheçam como pessoas que foram chamadas pelo Pai, escolhidas pelo Filho e enviadas em missão pelo Espírito. De fato, a visão de Igreja Povo de Deus, casa e escola de comunhão, cria esse espaço para a fecundidade vocacional e possibilita o crescimento de todas as vocações. A Igreja só poderá viver sua autêntica vocação trinitária se houver em todos os níveis manifestações da unidade e valorização da diversidade. Nesse sentido, recomenda o 2º Ano Vocacional do Brasil, “é preciso pensar numa animação vocacional que desperte para a diversidade” (BFV, 124).

2.1 Igreja: povo de Deus, comunhão e participação

Mediante o exposto acima, a Igreja tem sua fonte na comunhão trinitária e dela é a imagem, por ela foi chamada a ser sacramento de salvação. Nesse sentido, uma correta visão eclesiológica oferece uma chave indispensável para entrar num autêntico itinerário vocacional.

Surpreendentemente, a compreensão da eclesiologia do Concílio Vaticano II a partir da categoria ‘Povo de Deus’ (LG II) causou uma verdadeira *revolução no conceito de vocação*, na prática da animação vocacional e na consciência missionária dos cristãos e cristãs. Essa visão, com certeza, é uma elaboração teológica madura e de uma expressão forte de fé. Conforme o documento supracitado: “Aprove a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, mas constitui-los num povo, que o conhecesse na verdade e santamente O

servisse” (LG, 9). Por conseguinte, formado pelo sangue de Cristo derramado na Cruz, o Povo Santo de Deus participa também do seu *munus* profético, pela difusão do seu testemunho vivo, de fé e caridade. O conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo, não pode enganar-se no ato de fé. O Espírito Santo santifica, guia e anima os membros da Igreja, não somente pelos sacramentos, mas repartindo os dons a todos os fiéis, até mesmo os dons mais especiais, tornando-os aptos para o serviço da Igreja (cf. LG, 12).

Essa eclesiologia permite-nos colher, com muita clareza, a contribuição que uma nova visão de Igreja pode oferecer para a teologia vocacional. Em sua obra *Teologia da Vocação*, José Lisboa M. Oliveira (1999) reconhece a importância de uma correta visão eclesiológica, pois ela mostra o dinamismo da relação dentro do diálogo que parte da Trindade em direção à humanidade que responde ao apelo divino. Tudo acontece na Igreja e por meio da Igreja, pois ela é sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

Para que a Igreja seja realmente o lugar do encontro da Trindade com a humanidade, na visão dos Bispos em Aparecida, é preciso que toda ela seja constituída em *estado permanente de vocação e de missão*. Isto é, nela concretamente todos os membros, seja pessoalmente ou em grupo, deverão cooperar ativamente para o cumprimento de sua missão (cf. DAp, 551). Cada cristão, reafirmam os Padres Conciliares, deve saber que todo o Povo de Deus, “constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade, é por Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro como luz e sal da terra” (LG 9). Semelhante afirmação encontra-se em *Estudos, número 1* da CNBB: “a Igreja é a comunidade daqueles que aceitam, pela fé, a pessoa de Jesus Cristo. O Espírito Santo que convoca, envia a Igreja para

continuar a missão de Cristo” (EPH, p. 212). Neste sentido, a Igreja é o lugar normal onde acontece a mediação e o dinamismo vocacional.

Além disso, o chamamento divino acontece no contexto de uma fé eclesial comprometida com a comunhão dos esforços para juntos anunciar o Reino de Deus. Reunidos em Puebla, os Bispos do CELAM lançam luzes ao Serviço de Animação Vocacional ao afirmar: “Deus chama todos os homens e cada homem à fé e, pela fé, a incorporar-se no povo de Deus mediante o batismo. Este chamamento pelo Batismo, Confirmação e Eucaristia para sermos povo seu, chama-se *comunhão e participação* na missão e vida da Igreja e, portanto, na evangelização do mundo” (DP, 852). Conseqüentemente, semelhante visão eclesiológica provoca uma viragem no modo de ser Igreja, de uma mentalidade clerical para uma compreensão de participação de todos os batizados, pelo vínculo da comunhão trinitária.

Nessa perspectiva, a Igreja tem o grande desafio de ser *casa e escola de comunhão* se quiser ser fiel ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. Na visão de São João Paulo II, é preciso *promover uma espiritualidade de comunhão* em todos os meios e níveis da comunidade cristã. Espiritualidade de comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade (cf. NMI, 43-45). Em outras palavras, espiritualidade de comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo Místico. Ou ainda, esta perspectiva de comunhão está intimamente ligada à capacidade que tem a comunidade cristã de dar espaço a todos os dons do Espírito. Dons que fazem todos os batizados e crismados tomarem consciência da sua própria e ativa responsabilidade na vida eclesial (cf. BFV, 121).

2.2 Ser Igreja para servir

De acordo com a reflexão dos Bispos da Conferência do Brasil, no *Documento 20*, “se a Igreja quer ser autenticamente evangélica e continuar fiel à missão de Cristo, ela deve estar inteiramente voltada para o serviço e ser toda ministerial” (VMPpv, 133). Optar por uma vocação ministerial não depende exclusivamente da iniciativa pessoal, mas sobretudo, diz Puebla, “da iniciativa de Deus que chama e que envia a uma realidade concreta para servir. Porque Cristo é o grande *servidor* do Reino de Deus” (DP, 869). Para a Igreja do Brasil,

A pastoral vocacional seja feita a partir da visão da Igreja como um *povo de servidores*, dentro do pluralismo das vocações, ministérios e carismas. No processo de discernimento, é necessário ajudar os vocacionados a olharem para a decisão vocacional como um serviço aos irmãos e não como ascensão social ou busca de uma posição privilegiada na sociedade e na Igreja” (BFV, 124).

Em outras palavras, a animação vocacional deve brotar das comunidades, como responsabilidade de todos, e se dirigir a todas as categorias da Igreja: leigos, religiosos, diáconos, presbíteros, bispos. Uma vez que todos, em virtude do Batismo, participam da mesma missão salvífica de Jesus Cristo. Isto é, diz São João Paulo II, “a vocação cristã, em qualquer das suas formas, é um dom destinado à edificação da Igreja, ao crescimento do Reino de Deus no mundo” (PDV, 35). Por conseguinte, o Reino de Deus é entendido como crescimento de todo homem e do homem todo em Jesus Cristo, é a salvação do pecado, é a comunhão profunda do homem consigo mesmo e com os outros. Em suma é a reconciliação de tudo com Deus.

Além do mais, na perspectiva do discipulado do Reino de Deus, “o que importa, em primeiro lugar, não é ser bispo, padre, freira, diácono, leigo, leiga, mas discípulo, discípula de Jesus. A vocação é, antes de tudo, chamado para o seguimento de Cristo” (BFV, 10). Portanto, vocação é seguimento de Alguém que caminha conosco, mesmo que, às vezes, nossos olhos não o reconheçam. Em sua obra *Espiritualidade para insatisfeitos*, José M. Castillo traz semelhante afirmação ao defender que “seguir Jesus não é seguir uma ideia, um programa, um projeto (...). Seguir Jesus é seguir uma pessoa, e segui-la de tal forma que esse seguimento não admite nenhuma condição” (Castilho, 2012, p. 25). Com isso, cabe ao serviço de animação vocacional contribuir para o surgimento de um estilo de vida cristã que esteja, sempre mais, afinado com a proposta do Evangelho de Jesus Cristo.

Na linguagem de Aparecida, o desafio consiste em promover e formar *discípulos missionários* que respondam à vocação recebida de Cristo com gratidão e alegria (cf. DAp, 14). Já há alguns anos, a orientação para as equipes vocacionais no Brasil aponta para um trabalho desde a base, ou seja, as responsabilidades, no âmbito vocacional, podem ser assumidas em pequenos grupos, na formação de comunidades menores, para que a participação seja mais direta e pessoal (cf. VMPPv, 134).

As pequenas comunidades eclesiais são espaços viáveis e visíveis para a comunhão e participação, nas quais as vocações encontram espaço e acolhida. De acordo com o *Documento 110* da CNBB, nelas, acima de tudo, acontece a experiência de serviço que brota da escuta da Palavra de Deus. Neste sentido, a Igreja, toda ela ministerial, voltada inteiramente para o serviço, é onde todos os cristãos sentem-se chamados a atuarem na evangelização (cf. DFPIB, 88a). Em razão disso, podemos afirmar que as mais diversas comunidades, como células

vivas da Igreja, constituem um campo fértil para o Serviço de Animação Vocacional (Oliveira, 1999).

Em síntese, os lugares privilegiados da pastoral vocacional, enquanto protagonista da animação vocacional, são as Igrejas particulares, as paróquias, as comunidades de base, a família, os movimentos apostólicos, os grupos e movimentos de juventudes, os centros educacionais, a catequese e as obras das vocações. Todavia, a Igreja inteira enquanto Povo de Deus, tem a responsabilidade de proteger, estimular e amar o dom das vocações. Assim sendo, a construção da cultura vocacional, certamente, passa pela visão eclesiológica do Concílio Vaticano II, Igreja Povo de Deus, comunhão e participação.

3 Referencial pedagógico no itinerário vocacional: espiritualidade e processo

Com esta terceira referência, o objetivo é oferecer algumas indicações práticas e, sobretudo, propor um espaço para construir juntos, passo a passo, uma pedagogia vocacional contextualizada e atualizada ao tempo correspondente.

Com sua longa trajetória de dedicação à formação e às vocações, Amedeo Cencini (2013) tem proposto reflexões pertinentes para o setor vocacional da Igreja. Ele reconhece que, para promover a cultura vocacional, será preciso não apenas verificar o quanto certa mentalidade vocacional se torna uma convicção geral, mas o quanto na Igreja cada batizado se sente chamado, cada dia de sua vida, e por isso mesmo seja sempre mais um mediador do Deus que chama. Aqui o autor se refere, sobretudo, à qualidade de vida de cada fiel, ao nível da sua maturidade vocacional, ou da síntese pessoal a que chegou na sua vida,

entre se sentir chamado e ser pessoa que chama. Em outras palavras, trata-se de uma autêntica espiritualidade que move o coração do serviço de animação vocacional.

3.1 Espiritualidade vocacional

Neste sentido, a Igreja do Brasil espera gerar em seus membros novas vocações, a partir de um itinerário de fé, ou mais precisamente de uma autêntica iniciação cristã. A Igreja tem a missão de formar para o discipulado e para a missão na vivência de “uma nova mística e uma nova espiritualidade do seguimento, onde todos os batizados e batizadas possam ser perseverantes, dar testemunho de sua fé e viver a própria vocação na fidelidade, até que se atinja a plena maturidade em Cristo” (BFV, 15). Certamente, para promover um promissor despertar vocacional, nada é tão necessário quanto o testemunho, o empenho e a coragem com que cada batizado assume sua vocação e missão, nas diferentes realidades eclesiais e sociais.

Embora atualmente encontra-se uma multiplicidade de ambientes, mesmo assim, a família continua sendo o lugar primordial para o nascimento e discernimento vocacional. Como reconhece o Sínodo, “a família é a primeira comunidade de fé onde, não obstante os limites e as imperfeições, o jovem experimenta o amor de Deus e começa a discernir a sua vocação” (JFDV, 72). Deve-se notar também que, na contramão desse ideal, “nem sempre as famílias educam os filhos para olhar o futuro numa lógica vocacional. Por vezes, a busca do prestígio social ou do sucesso pessoal, a ambição dos pais ou a tendência a determinar as opções dos filhos invadem o espaço do discernimento e condicionam as decisões” (JFDV, 72). Todavia, recomendam os Padres Conciliares, o incentivo das vocações é um dever de toda a comunidade cristã,

que deve promovê-lo sobretudo por uma vida plenamente cristã. Além do mais, o engajamento na comunidade é um critério fundamental para o discernimento vocacional (cf. OT, 2).

Em virtude disso, os educadores da fé, em particular os padres, precisam ter a coragem de realizar o convite pessoal. Na verdade, fazer “uma proposta precisa, feita no momento certo, pode revelar-se decisiva para provocar nos jovens uma resposta livre e autêntica” (PDV, 39). Evidentemente, a palavra, a presença e o testemunho concreto e alegre de um padre [e/ou de um consagrado(a)] podem despertar interrogações e levar a decisões vocacionais autênticas. O padre continua sendo uma figura que influencia positivamente para o discernimento vocacional, como demonstrou o *Estudo 40* da CNBB, (SVSMB, pp. 53-56). Aliás, orientam os Padres Conciliares, compete aos sacerdotes, aos religiosos e aos leigos cuidar por si e por outrem, que todos os fiéis cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal, para que não falte operários à messe do Senhor e correspondam às necessidades da Igreja (PO, 6).

Existe um princípio geral na base de uma autêntica cultura vocacional, quer dizer, a teologia da vocação torna-se espiritualidade da vocação à medida que aquilo que cremos como teologicamente verdadeiro não seja somente acreditado pela mente, mas rezado, amado, celebrado, vivido, sofrido, partilhado, anunciado por toda pessoa (Cencini, 2013). Em outras palavras, a pessoa chamada é por inteira perpassada e envolvida por esse dinamismo vocacional. Neste sentido, sabiamente escreve o Setor de Vocações da CNBB, “a mística proposta para a animação vocacional não é qualquer coisa. Não vale qualquer ‘sagrado’. A espiritualidade indispensável à animação vocacional é aquela que leva a nos debruçarmos sobre os caídos da nossa sociedade” (BFV, 142). Uma espiritualidade que a exemplo de Cristo, Mestre e Senhor, nos leva a ter compaixão do sofrimento humano.

A Igreja no Brasil, no *Estudo 83*, propõe o itinerário vocacional como momento inicial indispensável para a maturação de toda vocação e de todas as vocações específicas (MPF, p. 106). E ainda, fala-se de um caminho que se faz numa comunidade de fé, correspondente a funções eclesiais bem precisas, ao longo do qual a fé amadurece e se torna mais manifesta ou se confirma progressivamente a vocação da pessoa, a serviço da comunidade eclesial.

3.2 Itinerário vocacional: passos e processos

A Igreja do Brasil, à luz da Palavra do Mestre de Nazaré, há décadas, vem propondo, às dioceses, paróquias e comunidades o *itinerário vocacional* em suas etapas (cf. BFV, 24). O Serviço de Animação Vocacional deverá ter metas claras para cada etapa e situações diversas com as quais se defronta.

Já a criança pode intuir e desejar um projeto de vida dedicada ao serviço de Deus. A adolescência é o momento dos primeiros passos para a elaboração do projeto ou opção de vida. “A juventude é a etapa da vida humana na qual cada pessoa toma decisões fundamentais para se inserir na sociedade. É a etapa em que busca sentido para sua existência e para a realização de seus sonhos” (Correia, 2020, p. 9). A juventude é a época privilegiada das escolhas de vida que, por vezes, podem não ser escolhas acertadas, porém busca-se alternativas e se recomeça para encontrar a vocação fundamental.

Portanto, a juventude enquanto um período de vida original e estimulante que o próprio Jesus viveu, santificando-a, tem o direito, por parte de Igreja, de ser acompanhado em sua realidade e desafios. Por isso, faz-se necessário que haja no SAV pessoas pedagogicamente qualificadas para acompanhar os candidatos quando manifestam suas inquietações vocacionais, ou outras interrogações fundamentais da vida (CNBB, Doc. 110, 90).

Para a CNBB é evidente que “estamos diante de um ‘processo’, de uma caminhada, em que pode haver uma etapa mais ou menos longa de ‘discernimento da vocação” (GPPV, 1983, p. 43). Por isso, propôs ao Serviço de Animação Vocacional passos concretos para sua atuação: “A pastoral vocacional tem por objetivos: *despertar* para a vocação humana, cristã e eclesial; *discernir* os sinais indicadores do chamado de Deus; *cultivar* os germes de vocação e *acompanhar* o processo de opção vocacional consciente e livre” (FPIB, 1995, p. 26). Desse modo, a pessoa chamada terá meios, tempo e pessoas que possibilitam o seu amadurecimento vocacional.

a) Etapa do despertar

Quanto à etapa do despertar, recomenda-se para o SAV alguns elementos indispensáveis: a) que seja *uma comunidade viva*, onde o espírito de comunhão e de participação se fazem sempre presente; b) o primeiro trabalho do SAV está em função do *dinamismo* da vida cristã, principalmente pela oração; c) é indispensável a existência de uma *Equipe de Animação Vocacional* na comunidade; d) é necessário também um mínimo de *organização e planejamento* que estejam em sintonia com toda pastoral paroquial (Oliveira, 2003). Para o Setor das Vocações do Brasil, “a animação vocacional feita em equipe é, antes de tudo, uma ação que se dá na comunidade, com a comunidade e para a comunidade” (BFV, 149). Justamente porque a vocação humana tem em si uma índole comunitária.

b) Etapa do discernir

Na etapa do discernir há algumas condições importantes, tais como: a) verificar as disposições e motivações dos candidatos com um acompanhamento qualificado; b) ter um período longo de reflexão e de tirocínio para verificar essas

motivações; c) dar ao vocacionado as condições para que ele verifique, com a ajuda de uma equipe de orientadores, a solidez de sua motivação e de sua escolha. O Serviço de Animação Vocacional necessita, cada vez mais, contextualização e enculturação, no tempo e nos espaços, nos dias atuais. A globalização das informações no espaço virtual interfere profundamente no discernimento vocacional (cf. BFV, 59).

c) Etapa do cultivar

Na etapa do cultivar faz-se necessário aprofundar sua motivação vocacional em quatro âmbitos: espiritual, racional, comunitário e missionário: a) no âmbito *espiritual* deve levar o vocacionado a fazer uma profunda experiência de comunhão com Deus Trindade; b) no âmbito *racional*, a pessoa deve poder contar com subsídios e com uma catequese que a ajude a compreender, com sempre mais clareza, para onde está andando; c) no âmbito *comunitário* a pessoa chamada precisa com urgência fazer sua vivência comunitária da fé e da vocação; d) no âmbito *missionário* dá-se a confirmação da confiança de que Deus não lhe chama por acaso, mas para viver uma experiência profunda de missão (Costa, 2019).

d) Etapa do acompanhar

A quarta etapa é o acompanhamento, diferente das demais, percorre todo o itinerário. O acompanhamento pela Equipe Vocacional deve ser um critério decisivo para o discernimento vocacional do jovem. Esse acompanhamento precisa acontecer desde as famílias dos jovens, pois são elas o primeiro ambiente onde nasce e se desenvolve a vocação (cf. BFV, 153). Além disso, o *Documento 110* da CNBB dá a seguinte orientação aos jovens que apresentam sinais de vocação e um desejo sincero de cultivá-la: o candidato necessita de

instituições ou espaços adequados para possibilitar um discernimento mais autêntico da opção vocacional (DFPIB, pp. 95-100).

De acordo com Vanessa Correia, “a pessoa acompanhante é uma ‘pedagoga do humano’ que, por meio da escuta e da interlocução, ajuda outra a fazer a experiência e torná-la proveitosa, sem interferir ou conduzir as decisões” (2020, p.16). É importante ajudar os jovens, mesmo neste mundo de incertezas, a construir o projeto de vida, em perspectivas existenciais, pois ele pode conferir sentido à ação, à própria existência e dispor positivamente diante do futuro.

Considerações finais

Ao expor esses três referenciais fundamentais para a construção de uma autêntica cultura vocacional – teologia, eclesiologia e pedagogia da vocação – queremos reafirmar que eles são indispensáveis para o serviço de animação vocacional da Igreja. Interligados eles nos oferecem uma noção de conjunto e a dimensão integral da vocação cristã nas suas variadas formas.

A Igreja, enquanto mãe e geradora das vocações, não se furta de oferecer aos seus filhos e filhas a possibilidade de responder à vocação a partir dessas condições básicas. Sendo a primeira delas o encontro com o Deus pessoal, próximo que ama e chama. Um chamado pessoal que nasce e cresce no seio da comunidade cristã: Igreja Povo de Deus, comunhão e participação. Uma vocação que está destinada à missão do Reino de Deus e ao serviço dos irmãos, preferencialmente os mais necessitados.

Por isso, é fundamental uma pedagogia da fé e seguir juntos o itinerário vocacional nas suas quatro etapas: despertar, discernir, cultivar e acompanhar. Ele deve fazer parte de todo o trabalho vocacional na comunidade. O cuidado com o itinerário vocacional é cuidado com pessoas. Nesse sentido, o cuidado da

pessoa consiste em oferecer espaços eclesiais, oportunidades de vivência e uma presença acolhedora.

Referências

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 10. ed., São Paulo: Paulus, 2015.

CASTILLO, José, Maria. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCINI, Amedeo. **Construir cultura vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. Petrópolis: Vozes, 21ª ed., 1991.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral - *Gaudium et Spes***. Petrópolis: Vozes, 21ª ed., 1991.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto - *Presbyterorum Ordinis***. Petrópolis: Vozes, 21ª ed., 1991.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto *Optatum Totius***. Petrópolis: Vozes, 21ª ed., 1991.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **“Coragem! Levanta-te, Ele te chama!” (Mc10,49b):** Vocações e Ministérios para o Novo Milênio. 1º Congresso Vocacional do Brasil. Itaiaci, Indaiatuba (SP), 1º a 05 de setembro de 1999.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Batismo: Fonte De Todas As Vocações:** “Avancem para águas mais profundas” (cf. Lc 5,4): texto-base do 2º Ano Vocacional 2003. Brasília, 2002.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Documentos da Cnbb 110. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Espiritualidade Presbiteral Hoje.** Estudos da Cnbb 1. São Paulo: Edições Paulinas, 1974.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil:** diretrizes básicas. Documentos da Cnbb 55. São Paulo: Paulinas, 1995.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Guia pedagógico de pastoral vocacional.** Estudos da Cnbb 36. São Paulo: Paulinas. 3ª ed., 1983.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Metodologia no Processo Formativo:** formação presbiteral da Igreja no Brasil. Estudos da Cnbb 83. São Paulo: Paulus, 2001.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil.** Estudos da Cnbb 40. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Vida e Ministério do Presbítero:** Pastoral Vocacional. Documentos da Cnbb 20. São Paulo: Paulinas. 2ª ed., 1981.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Vocação: Graça e Missão:** texto base do 3º Ano Vocacional do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONSELHO EPSCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida:** V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasil: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CONSELHO EPSCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Medellín:** Conclusões da Conferência de Medellín, 1968. São Paulo, Paulinas, 1998.

CONSELHO EPSCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento De Puebla:** Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. México. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

CORREIA, Vanessa Araújo. **Projeto de vida para jovens:** um itinerário metodológico de esperança. São Paulo: Loyola, 2020.

COSTA, Márcio. **Discernimento vocacional:** estratégias, subjetividades e itinerários. São Paulo: Paulinas, 2019.

FABRIS, Reinaldo. **O Deus que chama**: itinerário vocacional na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal: "Pastores Dabo Vobis"**: Sobre a Formação dos Sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 1992.

MANENTI, Alessandro. **Vocação, Psicologia e Graça**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1991.

MENDONÇA, José Tolentino. **Nenhum caminho será longo para uma teologia da amizade**. São Paulo: Paulinas, 2013.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Evangelho da vocação**: dimensão vocacional da evangelização. São Paulo: Loyola, 2003.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Christus vivit***: Aos jovens e a todo o povo de Deus. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

RULLA, Luigi M. **Antropologia da vocação cristão**: bases interdisciplinares. São Paulo: Paulinas, 1987.

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens a fé e o discernimento vocacional**. XV Assembleia Geral Ordinária. Documento Final. Brasília: Edições CNBB, 2018.